

Europeus admitem que o deságio pode ser aceito

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Após os múltiplos protestos da comunidade financeira internacional provocados pela apresentação da proposta brasileira de renegociação de sua dívida comercial pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira, certos banqueiros europeus, sem rever integralmente sua posição (eles continuam rejeitando a conversão de uma parte da dívida em título com um desconto de 30%), já começam a desenvolver uma análise mais detalhada do problema. Admitem que a idéia-base apresentada em Viena merece ser estudada mais profundamente. Alguns setores chegam mesmo a afirmar que o Plano Bresser poderá até constituir uma saída mais a longo prazo para o problema do endividamento dos países em desenvolvimento.

Ontem, um banqueiro francês afirmou que "a idéia em si não é má, mas deve ser mais prática e razoável". O mesmo

banqueiro criticou a forma como foi apresentada em Viena e a fixação de uma percentagem pelo ministro brasileiro. E acrescentou: "Ninguém disse que o Brasil não tem razão, mas o ministro esqueceu uma coisa. Esse é um compromisso que não pode ser imposto, mas ao contrário, se negocia". Nessa mesma linha de raciocínio, cita-se a declaração de Edmond Alphandery, deputado da U.D.F., próximo ao ex-primeiro ministro, o economista Raymond Barre, que afirmou: "O Plano Bresser é menos maluco do que parece". A seu ver, reivindicando um desconto de 30%, o ministro brasileiro foi longe demais no seu irrealismo, mas "a idéia básica merece ser examinada".

De qualquer forma, segundo acreditam os meios financeiros europeus, será preciso encontrar soluções novas, fórmulas inovadoras para o problema, pois dificilmente a crise do endividamento será equacionada através das fórmulas clássicas atuais.